

# Aula 7 – O Papel do Estado na Guerra e na Paz

## O Estado no Coração dos Conflitos Globais: Guardiã da Ordem ou Catalisador do Caos?

Você já parou para pensar por que, em meio a tantas tensões e disputas no mundo, a maioria das sociedades consegue manter uma certa ordem? Ou, por outro lado, por que algumas regiões parecem presas em um ciclo interminável de violência? A resposta para essas perguntas complexas, muitas vezes, reside no papel central de uma entidade que consideramos quase natural: o Estado.

Nesta aula, vamos mergulhar fundo na dinâmica do Estado, não apenas como um ator político, mas como o principal protagonista – e, por vezes, o principal problema – na arena da guerra e da paz. Entender o Estado é crucial para decifrar os conflitos globais, pois ele detém o poder de mobilizar recursos, definir fronteiras, moldar identidades e, acima de tudo, monopolizar o uso da força.

Ao final desta aula, você será capaz de:

- Analisar o conceito de **monopólio do uso da força** e suas implicações para a segurança interna e internacional.
- Identificar as características e os perigos representados por **estados frágeis, falidos e em colapso** como focos de instabilidade global.
- Compreender como o **nacionalismo e a etnicidade** são construídos e manipulados na formação do "outro", alimentando conflitos.
- Reconhecer o impacto das **novas tecnologias e dos conflitos híbridos** na redefinição do papel do Estado.
- Avaliar a crescente influência de **atores não estatais** e seus desafios ao poder tradicional do Estado.

Prepare-se para uma jornada que conectará conceitos históricos a cenários contemporâneos, mostrando como o Estado, em suas diversas formas, é a chave para entender a guerra e a paz no século XXI.

# O Monopólio do Uso da Força: A Base da Ordem (e do Caos)

Imagine por um instante um mundo sem regras, sem polícia, sem tribunais. Um lugar onde cada um faz a própria justiça, onde a força bruta decide quem tem razão. Parece caótico, não é? Essa é a visão que muitos pensadores, como Thomas Hobbes, tinham do "estado de natureza" – uma existência "solitária, pobre, sórdia, brutal e curta". Para escapar desse cenário, a humanidade teria concordado em ceder parte de sua liberdade a uma autoridade central: o Estado.

Essa autoridade central, para ser eficaz, precisaria de um poder inquestionável: o **monopólio do uso da força**. Em termos simples, significa que apenas o Estado tem o direito legítimo de usar a violência, seja para manter a ordem interna (polícia, sistema judiciário) ou para se defender externamente (forças armadas). É a base da soberania e da capacidade de um Estado de governar seu território e sua população. Sem esse monopólio, a sociedade se desintegra em facções armadas e a segurança se torna uma ilusão.

## O Estado como "Segurança"

Pense no Estado como o único "segurança" autorizado em um grande shopping center. Ele tem o direito exclusivo de portar armas, intervir em brigas e prender quem desrespeita as regras. Se outros grupos dentro do shopping comessem a andar armados e a fazer sua própria segurança, o caos se instalaria rapidamente.

## Estado Forte e Funcional

Da mesma forma, um Estado forte e funcional é aquele que consegue manter esse monopólio, garantindo que a violência seja uma ferramenta controlada e usada apenas para fins legítimos, protegendo os cidadãos e mantendo a paz social.

A aplicação prática desse conceito é visível em nosso dia a dia. Quando você vê uma viatura policial, você entende que ela representa a autoridade legítima para intervir em situações de perigo. Quando um país mobiliza suas forças armadas, ele o faz sob a égide do Estado, em defesa de seus interesses nacionais. É essa exclusividade que permite a existência de leis, contratos e uma vida social organizada, pois há uma garantia de que a ordem será mantida e as regras, se necessário, serão impostas pela força legítima do Estado.

# Quando o Estado Falha: Estados Frágeis, Falidos e em Colapso

Mas o que acontece quando o "segurança do shopping" perde o controle? Quando ele não consegue mais impor as regras, ou pior, quando ele próprio se torna uma ameaça? É nesse ponto que entramos no preocupante cenário dos **estados frágeis, falidos e em colapso**, que representam alguns dos maiores desafios à paz e segurança globais no século XXI.

## Estado Frágil

Um **Estado frágil** é como uma casa com rachaduras na fundação. Ele ainda está de pé, mas suas instituições são fracas, a corrupção é endêmica, e sua capacidade de fornecer serviços básicos (saúde, educação, segurança) é limitada. Há uma erosão gradual da confiança da população e uma dificuldade crescente em manter o monopólio da força. A fragilidade pode ser causada por conflitos internos, má governança, desastres naturais ou pressões econômicas.

## Estado Falido

Quando a situação se agrava, um Estado pode se tornar **falido**. Aqui, a casa já está desmoronando. O governo perdeu o controle sobre grande parte de seu território, grupos armados não estatais operam livremente, e a capacidade de proteger seus cidadãos é quase nula. A economia está em ruínas, e a população vive sob constante ameaça. A Síria, após anos de guerra civil, e a Somália, por um longo período, são exemplos clássicos de estados falidos, onde a ausência de uma autoridade central eficaz abriu espaço para a proliferação de violência e extremismo.

## Estado em Colapso

Por fim, um **Estado em colapso** é quando a casa não existe mais. Não há governo central reconhecido, a sociedade se fragmentou em clãs ou milícias, e a anarquia é a regra. É o cenário mais extremo de ausência de Estado, onde a vida humana se torna extremamente precária. Embora seja raro um colapso total e duradouro, a Líbia pós-Gaddafi, por exemplo, experimentou períodos de colapso em várias regiões, com diferentes facções disputando o controle e a população à mercê de grupos armados.

Esses estados não são apenas problemas internos; eles são focos de instabilidade global. Eles se tornam refúgios para grupos terroristas, fontes de migração em massa e centros de tráfico de drogas e armas, exportando seus problemas para o resto do mundo. A comunidade internacional, muitas vezes, se vê na difícil posição de intervir ou lidar com as consequências de sua falha.

# A Geopolítica dos Recursos Naturais: Novas Fontes de Tensão

Historicamente, as guerras foram travadas por terra, poder e ideologia. No entanto, no século XXI, uma nova e crescente fonte de tensão global emerge com força: a **geopolítica dos recursos naturais**. A disputa por água, minerais raros, energia e terras férteis está se tornando um catalisador de conflitos, redefinindo alianças e estratégias estatais.

Imagine que você e seu vizinho dependem do mesmo poço de água para sobreviver. Se a água começar a secar, a cooperação pode dar lugar à competição acirrada, e até mesmo ao conflito.

## Recursos em Disputa

Da mesma forma, em escala global, a escassez ou a concentração de recursos vitais pode levar Estados a confrontos diretos ou indiretos. A demanda crescente por energia (petróleo, gás), por exemplo, tem sido um motor de instabilidade em regiões como o Oriente Médio e o Mar do Sul da China, onde rotas de transporte e reservas estratégicas são disputadas.

Mas não é só energia. A água, um recurso cada vez mais escasso em muitas partes do mundo, é uma fonte potencial de "guerras da água", especialmente em bacias hidrográficas compartilhadas, como a do Rio Nilo, onde Egito, Etiópia e Sudão têm interesses divergentes.



Além disso, a corrida por **minerais raros** (como lítio, cobalto e terras raras), essenciais para a tecnologia moderna (celulares, carros elétricos, baterias), está gerando novas rivalidades, com países buscando garantir o controle das cadeias de suprimentos globais.



### Alavanca de Poder

Estados com acesso abundante a recursos podem usá-los como alavanca de poder (a "arma do petróleo")



### Vulnerabilidade

Estados dependentes se tornam vulneráveis e podem ser forçados a estratégias mais agressivas



### Segurança Nacional

A segurança energética e hídrica tornaram-se componentes cruciais da segurança nacional

A conexão com o papel do Estado é direta: A capacidade de um Estado de proteger e controlar seus recursos é fundamental para sua estabilidade e influência no cenário global.

# Nacionalismo, Etnicidade e a Construção do "Outro"

Você já notou como, em um jogo de futebol, a torcida de um time se une contra o "adversário"? Essa sensação de pertencimento a um grupo e a distinção de um "outro" é uma força poderosa, e quando ampliada para a escala de nações e etnias, ela pode ser tanto uma fonte de união quanto um motor devastador de conflitos. É aqui que o **nacionalismo e a etnicidade** entram em cena, muitas vezes manipulados para construir a imagem do "outro" como inimigo.

## Nacionalismo

O **nacionalismo** é a crença de que um grupo de pessoas compartilha uma identidade comum (língua, cultura, história) e deve formar uma nação autônoma, geralmente dentro de um Estado. Ele pode ser uma força positiva, unindo um povo em torno de objetivos comuns e construindo uma identidade nacional.

No entanto, quando o nacionalismo se torna exclusivo e agressivo, ele pode levar à xenofobia, à perseguição de minorias e à justificação de guerras contra "outros" percebidos como ameaças à pureza ou superioridade da nação.

## Etnicidade

A **etnicidade**, por sua vez, refere-se à identidade de um grupo baseada em ancestralidade, cultura, religião ou língua compartilhadas. Em muitos Estados, especialmente aqueles com fronteiras coloniais arbitrárias, diferentes grupos étnicos coexistem.

Quando as elites políticas exploram essas diferenças, criando narrativas de vitimização ou superioridade, a etnicidade pode ser instrumentalizada para dividir e conquistar, transformando vizinhos em inimigos.

### A Construção do "Outro"

A construção do "outro" é um processo deliberado de desumanização, onde o grupo rival é retratado como inferior, perigoso ou indigno de direitos, facilitando a violência contra ele.

### Exemplos Históricos

Um exemplo trágico dessa dinâmica foi a Guerra dos Balcãs nos anos 1990, onde líderes nacionalistas manipularam identidades étnicas e religiosas (sérvios, croatas, bósnios) para incitar conflitos brutais, culminando em genocídio e limpeza étnica.

### O Estado como Promotor de Divisão

Outro caso é o de Ruanda, onde a propaganda estatal demonizou a etnia Tutsi, levando ao genocídio de 1994. Nesses cenários, o Estado, em vez de ser um garantidor da paz, torna-se um promotor ativo da divisão e da violência, usando seu poder para disseminar ódio e justificar atrocidades contra seus próprios cidadãos ou contra grupos vizinhos.

# Conflitos Híbridos e o Impacto da Tecnologia: Novas Regras do Jogo

Se a guerra costumava ser sobre exércitos marchando em campos de batalha, hoje o cenário é muito mais complexo e difuso. Estamos na era dos **conflitos híbridos**, onde as linhas entre guerra e paz, entre combatentes e civis, e entre táticas convencionais e não convencionais se tornam cada vez mais borradas. A tecnologia, que avança a passos largos, não é apenas uma ferramenta, mas um ator que redefine a própria natureza dos confrontos e o papel do Estado neles.

Imagine um jogo de xadrez onde, de repente, algumas peças podem se tornar invisíveis, outras podem se mover de formas inesperadas, e o tabuleiro pode mudar de tamanho no meio da partida. Essa é a complexidade de um conflito híbrido.



## Conflito Híbrido

Ele mescla táticas militares convencionais (como o uso de tanques e artilharia) com ações irregulares (guerrilha, terrorismo), ciberguerra (ataques a infraestruturas digitais), desinformação (notícias falsas, propaganda online) e pressão econômica. O objetivo não é apenas derrotar o inimigo no campo de batalha, mas desestabilizar a sociedade, minar a confiança nas instituições e erodir a vontade de lutar.



## Tecnologia como Motor

A **tecnologia** é o motor dessa transformação. **Drones** permitem ataques precisos e vigilância sem risco para o operador, mudando a dinâmica do combate aéreo. A **inteligência artificial (IA)** promete revolucionar a análise de dados militares e até mesmo a tomada de decisões autônomas em sistemas de armas.



## Novos Campos de Batalha

A **desinformação** e as **redes sociais** se tornaram campos de batalha psicológicos, onde narrativas são construídas e espalhadas para manipular a opinião pública e semear discórdia. A **ciberguerra** pode paralisar infraestruturas críticas (energia, comunicações, bancos) sem disparar um único tiro.

## O Desafio para o Estado

O papel do Estado nesse novo cenário é duplamente desafiador. Primeiro, ele precisa desenvolver capacidades para lutar e se defender em múltiplos domínios simultaneamente – no ar, na terra, no mar, no ciberespaço e no espaço da informação. Segundo, ele precisa lidar com a dificuldade de identificar o agressor, já que muitos ataques híbridos são projetados para serem negáveis, usando "proxies" ou operações de bandeira falsa.

A guerra na Ucrânia, por exemplo, é um caso clássico de conflito híbrido, com ataques cibernéticos, campanhas de desinformação e o uso de forças irregulares complementando as operações militares convencionais. O Estado precisa ser ágil, resiliente e inovador para proteger sua soberania e seus cidadãos nesse ambiente de ameaças em constante evolução.



# Atores Não Estatais: Desafiando o Monopólio do Estado

Por muito tempo, a guerra foi vista como um assunto exclusivo de Estados. Exércitos nacionais se enfrentavam, e a paz era negociada entre governos. No entanto, o cenário global mudou drasticamente. Hoje, o monopólio do uso da força pelo Estado é constantemente desafiado por uma miríade de **atores não estatais** que, com diferentes motivações e capacidades, exercem influência significativa sobre a guerra e a paz.

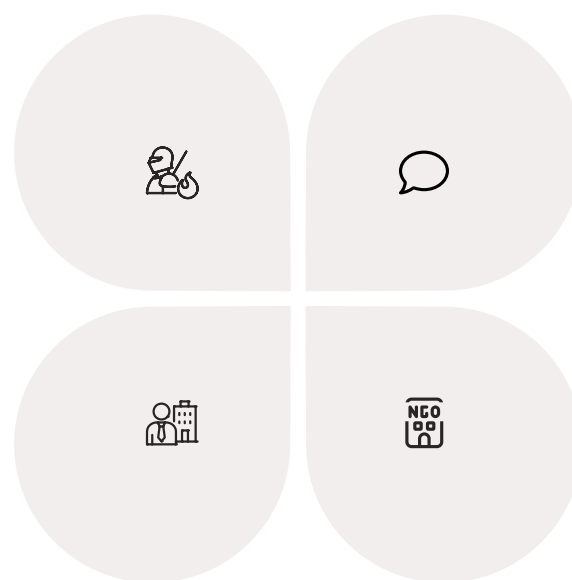
Imagine um jogo de futebol onde, além dos dois times oficiais, há outros grupos no campo: torcedores organizados que invadem o gramado, seguranças privados que agem por conta própria, e até mesmo patrocinadores que tentam influenciar o resultado. No cenário global, esses são os atores não estatais.

## Milícias e Grupos Armados

Entre os mais proeminentes estão as **milícias e grupos armados insurgentes**, como o Estado Islâmico (ISIS) ou o Boko Haram, que controlam territórios, impõem sua própria lei e desafiam diretamente a autoridade estatal. Eles não apenas lutam contra Estados, mas também entre si, criando complexas teias de violência.

## Corporações Transnacionais

Há também as **grandes corporações transnacionais**, cujos interesses econômicos (em recursos, mercados) podem influenciar políticas estatais e, indiretamente, a eclosão ou a resolução de conflitos.



## Corporações Militares Privadas

Outro tipo de ator são as **corporações militares privadas (CMPs)**, como o Grupo Wagner, que oferecem serviços de segurança e combate a governos ou outras entidades, atuando como "mercenários modernos" e borrando as linhas entre o público e o privado na guerra.

## ONGs

Além disso, temos as **organizações não governamentais (ONGs)**, que, embora não usem a força, desempenham um papel crucial na gestão de crises humanitárias, na mediação de conflitos e na promoção da paz, muitas vezes preenchendo lacunas deixadas por Estados frágeis.

A ascensão desses atores não estatais força os Estados a repensar suas estratégias. Eles precisam decidir se vão combatê-los, negociar com eles, ou até mesmo cooptá-los. A presença de múltiplos atores com agendas diversas torna a resolução de conflitos muito mais complexa, pois não basta mais dialogar apenas com um governo central. O Estado, para manter sua relevância e segurança, precisa navegar por essa rede intrincada de influências e poderes, adaptando-se a um mundo onde a guerra não é mais um jogo exclusivo de nações.

# O Estado em Busca da Paz: Desafios e Estratégias

Até agora, exploramos o papel do Estado como um ator central na eclosão e condução de conflitos. Mas o Estado também é, e deve ser, o principal agente na busca pela paz. No entanto, essa jornada é repleta de desafios, exigindo estratégias complexas e multifacetadas.

Pense no Estado como um médico que precisa tratar uma doença complexa. Ele não pode apenas focar nos sintomas (a violência), mas precisa ir à raiz do problema (as causas do conflito).



## Diplomacia: A Ferramenta Primária

Isso envolve uma série de ações que vão muito além do campo de batalha. A **diplomacia** é a ferramenta primária, onde Estados negociam acordos, estabelecem alianças e buscam soluções pacíficas para suas disputas. É o diálogo, a troca de ideias e a busca por interesses comuns que podem evitar a escalada da violência.



### Construção da Paz (Peacebuilding)

No entanto, a diplomacia por si só nem sempre é suficiente. Em cenários pós-conflito, o Estado tem o papel crucial na **construção da paz (peacebuilding)**. Isso significa não apenas silenciar as armas, mas reconstruir as instituições, promover a reconciliação entre grupos outrora inimigos, restaurar a economia, garantir a justiça e fortalecer a governança democrática.



### Processo Longo e Árduo

É um processo longo e árduo, que visa criar as condições para que a paz seja duradoura e não apenas uma trégua temporária. A capacidade de um Estado de fornecer segurança, justiça e oportunidades econômicas é fundamental para evitar o retorno à violência.

## Exemplos de Esforços Estatais

Um exemplo de esforço estatal na busca pela paz é o apoio a missões de paz da ONU, onde Estados contribuem com tropas e recursos para estabilizar regiões em conflito. Outro é a participação em processos de mediação e negociação, como os que levaram a acordos de paz em diversas partes do mundo. Contudo, o maior desafio reside na **capacidade do próprio Estado** de ser um agente de paz. Um Estado corrupto, autoritário ou que promove a exclusão de parte de sua população dificilmente será um construtor de paz eficaz.

Em última análise, o papel do Estado na guerra e na paz é ambivalente. Ele detém o poder de iniciar e conduzir conflitos, mas também a responsabilidade e a capacidade de preveni-los, mediá-los e construir as bases para uma paz duradoura. A forma como um Estado exerce seu poder – seja para proteger, oprimir ou reconciliar – define o destino de seus cidadãos e a estabilidade da ordem global.

# Consolidação e Próximos Passos

## Monopólio do Uso da Força

Nesta aula, desvendamos as múltiplas facetas do papel do Estado na complexa dinâmica da guerra e da paz. Vimos que o **monopólio do uso da força** é a base da ordem, mas que sua falha leva a **estados frágeis, falidos e em colapso**, que se tornam focos de instabilidade global.

## Novas Dinâmicas

Por fim, analisamos como os **conflitos híbridos e a tecnologia** redefinem as regras do jogo e como a ascensão de **atores não estatais** desafia a soberania tradicional do Estado, ao mesmo tempo em que o Estado busca estratégias para a construção da paz.

1

2

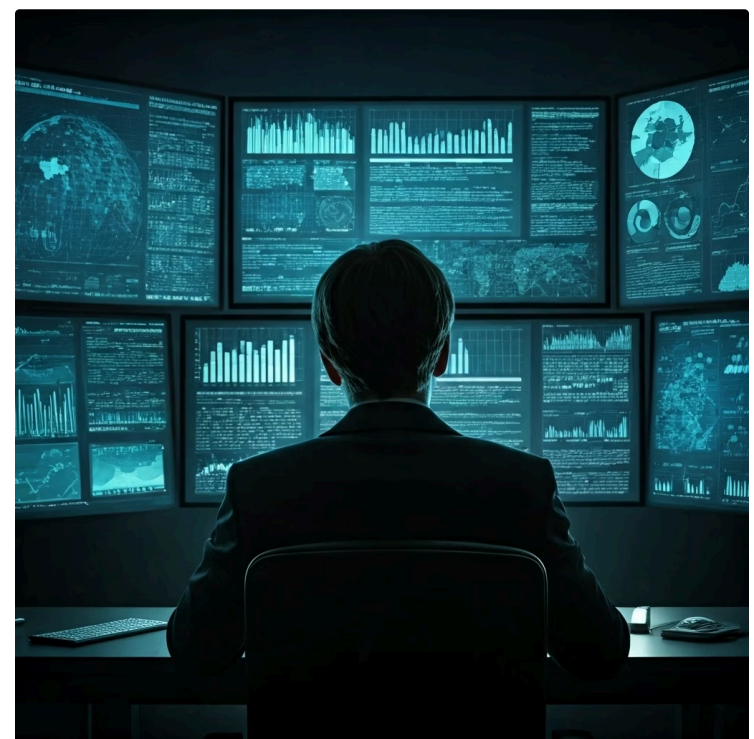
3

## Catalisadores de Conflitos

Exploramos como a **geopolítica de recursos naturais** e a manipulação do **nacionalismo e da etnicidade** podem ser poderosos catalisadores de conflitos.

## Em prática:

A compreensão desses conceitos permite que você analise criticamente as notícias sobre conflitos globais, identifique os atores envolvidos e as causas subjacentes, e avalie a eficácia das respostas estatais e internacionais. Essa perspectiva é essencial para quem busca atuar em áreas como diplomacia, segurança internacional, análise de risco ou mesmo para o exercício de uma cidadania global mais consciente.



# Autoavaliação

## Questões Objetivas:

1. Qual dos seguintes conceitos é considerado a base da soberania estatal e da capacidade de um Estado de governar seu território e sua população, garantindo a ordem interna?

1. Nacionalismo étnico
2. Geopolítica de recursos naturais
3. Monopólio do uso da força
4. Conflitos híbridos

2. Um Estado que perdeu o controle sobre grande parte de seu território, onde grupos armados não estatais operam livremente e a capacidade de proteger seus cidadãos é quase nula, é classificado como:

1. Estado em colapso
2. Estado frágil
3. Estado falido
4. Estado soberano


3. A manipulação de identidades culturais e históricas para criar uma distinção entre "nós" e "eles", muitas vezes desumanizando o "outro" e justificando a violência, está diretamente associada a qual fenômeno?

1. Impacto da tecnologia na guerra
2. Atores não estatais
3. Nacionalismo e etnicidade
4. Geopolítica da água

4. A guerra na Ucrânia, que envolveu táticas militares convencionais, ciberataques, campanhas de desinformação e o uso de forças irregulares, é um exemplo contemporâneo de:

1. Conflito de baixa intensidade
2. Guerra fria
3. Conflito híbrido
4. Guerra de guerrilha

## Questão Discursiva:

-  1. Explique como a ascensão de atores não estatais, como milícias ou corporações militares privadas, desafia o conceito tradicional de monopólio do uso da força pelo Estado e quais as implicações dessa dinâmica para a segurança global.

# Gabarito

1

## Resposta

c) Monopólio do uso da  
força

2

## Resposta

c) Estado falido

3

## Resposta

c) Nacionalismo e  
etnicidade

4

## Resposta

c) Conflito híbrido

## Resposta Esperada para a Questão Discursiva:

A ascensão de atores não estatais desafia o monopólio do uso da força pelo Estado ao introduzir múltiplos detentores de poder armado que não respondem a uma autoridade central legítima. Isso fragmenta a segurança, tornando a violência mais difusa e imprevisível. As implicações para a segurança global incluem a proliferação de conflitos internos com ramificações transnacionais, a dificuldade em negociar a paz (pois não há um único interlocutor estatal), o surgimento de refúgios para terroristas e criminosos, e a erosão da soberania estatal, exigindo novas abordagens para a governança e a intervenção internacional.

# Próxima Aula e Recursos Adicionais

## Próxima Aula: Aula 8 – Organizações Internacionais e a Gestão de Conflitos

Na próxima aula, exploraremos como as organizações internacionais atuam como mediadoras e facilitadoras na gestão de conflitos, complementando e, por vezes, substituindo o papel do Estado.



## Recursos Adicionais:



### Livro

"O Leviatã" de Thomas Hobbes (para aprofundar o conceito de Estado e monopólio da força).



### Artigo

"Fragile States Index" do Fund for Peace (para dados e análise sobre estados frágeis).



### Documentário

"Winter on Fire: Ukraine's Fight for Freedom" (para visualizar um conflito híbrido).

**NOTA IMPORTANTE:** As informações regulatórias/legais/técnicas desta aula estão atualizadas até 2025. Consulte sempre fontes oficiais para verificar alterações.